

Violência no namoro de adolescentes: explicação a partir das práticas educativas parentais e variáveis demográficas

Jéssica Laís Fonseca dos Santos

Patrícia Nunes da Fonseca

Evellyne Ribeiro Fonseca

Tamires Almeida da Costa Lima

Paulo Gregório Nascimento da Silva

RESUMO

Objetivou-se conhecer em que medida as práticas educativas parentais explicam a violência no namoro de adolescentes, controlando os efeitos das variáveis idade e sexo. Participaram 250 adolescentes, com idades entre 13 e 18 anos. Os resultados evidenciaram que na medida em que os jovens avançam na idade aumentam as chances de serem vítimas ou perpetradores de comportamentos violentos no namoro. Entretanto, as mulheres tendem a ser vítimas de violências verbal/emocional e física, enquanto os homens aparecem como os maiores perpetradores, sobretudo de violência física. Verificou-se ainda que as práticas parentais de rejeição podem levar os jovens a se envolverem em situações de violência no namoro, tanto na posição de vítima quanto de agressor. Assim, destaca-se a importância de desenvolver estratégias de prevenção à violência no namoro, principalmente em fases relacionais precoces. Além de estimular o uso de práticas parentais positivas e o estabelecimento de uma relação saudável com os filhos, permitindo que eles aprendam a adotar modelos positivos em seus futuros relacionamentos.

Palavras-chave: práticas parentais; adolescência; namoro; violência.

ABSTRACT

Dating violence among adolescents: explanation based on parental educational practices and demographic variables

The objective was to know the extent to which parental educational practices explain violence in the dating adolescents, controlling the effects of the variables age and sex. 250 adolescents participated, aged between 13 and 18 years. The results showed that as young people advance in age, they increase the chance of being victims or perpetrators violent behaviors in dating relationships. However, women tend to be victims of verbal / emotional and physical violence, while men appear as the greatest perpetrators, especially of physical violence. It was also found that parental rejection practices can lead young people to become involved in situations of dating violence, both in the position of victim and aggressor. Thus, it highlights the importance of developing strategies to prevent dating violence, especially in early relational phases. In addition to encouraging the use of positive parenting practices and the establishment of a healthy relationship with children, allowing them to learn to adopt positive models in their future relationships.

Keywords: parenting practices; adolescence; dating; violence.

Sobre os Autores

J. L. F. S.
orcid.org/0000-0002-3743-7877
Universidade Federal da Paraíba
(UFPB) – João Pessoa, Paraíba
(PB)
jerssyafonseca@hotmail.com

P. N. F.
orcid.org/0000-0002-6322-6336
Universidade Federal da Paraíba
(UFPB) – João Pessoa, Paraíba
(PB)
pnfonseca.ufpb@gmail.com

E. R. F.
orcid.org/0000-0002-2585-2088
Universidade Federal da Paraíba
(UFPB) – João Pessoa, Paraíba
(PB)
evellynribeiro@hotmail.com

T. A. C. L.
orcid.org/0000-0001-8729-4934
Universidade Federal da Paraíba
(UFPB) – João Pessoa, Paraíba
(PB)
tammi-
res_almeida2012@hotmail.com

P. G. N. S.
orcid.org/0000-0002-2878-309X
Universidade Federal da Paraíba
(UFPB) – João Pessoa, Paraíba
(PB)
silvapgn@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



A família, considerada como um dos principais ambientes de socialização, é o primeiro espaço de convivência que a criança participa e, portanto, é aquele que promove o desenvolvimento de conhecimentos, competências e habilidades. Deste modo, as experiências vivenciadas na família poderão influenciar as diversas áreas da vida de crianças e adolescentes, a exemplo dos relacionamentos amorosos (Borges et al., 2020).

Estudos indicam que viver em um ambiente familiar saudável, isto é, constituído por relações interpessoais harmoniosas, vem a ser um fator de proteção contra problemas de comportamentos, tais como, agressividade, impulsividade e ansiedade (Borges & Dell'Aglio, 2020; Dumont et al., 2020; Martinelli & Matsuoka, 2018; Sarmiento & D'Affonseca, 2022). Neste contexto, destacam-se as figuras parentais por serem as principais responsáveis pelo desenvolvimento dos filhos e, quiçá, pessoas de referência para esses (Salvador & Weber, 2005). Os estudos (Granja & Mota, 2018; Gulliford et al., 2015; Martinelli & Matsuoka, 2018; Weber, 2017) mostram que as práticas educativas parentais vêm sendo objeto de pesquisa por sua importância na vida dos filhos, sobretudo pelas marcas que deixam na história daqueles que vivenciam as experiências na família.

As práticas educativas parentais podem ser definidas como um conjunto de comportamentos apresentados pelas figuras parentais (isto é, pais e mães, independente de vínculos consanguíneos) no processo de educação e socialização dos filhos (Kobarg et al., 2010). Podem ser consideradas como fator de proteção, quando as figuras parentais demonstram práticas positivas, ou seja, comportamentos afetivos e de aceitação dos filhos, com uma boa comunicação e disciplina. Tais práticas favorecem o ajuste psicossocial das crianças e adolescentes, bem como o desempenho acadêmico e o bem-estar psicológico (Gaspar & Matos, 2016; Horn et al., 2020; Orti & Bolsoni-Silva, 2017; Bolsoni-Silva & Loureiro, 2019). Também podem ser consideradas como fator de risco, quando as figuras parentais apresentam práticas negativas, isto é, demonstram comportamentos violentos, adotam disciplinas mais severas ou inconsistentes, são omissos às necessidades dos filhos e não mantêm uma boa comunicação. Nesses casos, pode ser que os filhos apresentem comportamentos antissociais, estresse emocional e agressividade (Horn et al., 2020; Martinelli & Matsuoka, 2018).

Com base no exposto, o presente estudo parte do seguinte questionamento: as práticas educativas parentais podem explicar os comportamentos violentos nos relacionamentos amorosos dos adolescentes? Acostado no estudo de Leadbeater et al. (2008), pensa-se que a ausência de modelos positivos do relacionamento com os pais ou figuras substitutas, bem como a falta de informações sobre relacionamentos saudáveis podem levar os jovens a praticarem ou sofrerem violência no namoro.

A violência presente nos relacionamentos amorosos caracteriza-se por atitudes controladoras ou dominadoras que se manifestam por meio de agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais (Nascimento et al., 2018). Envolve comportamentos como bater, empurrar, insultar, humilhar, perseguir, forçar o parceiro a ter relações sexuais, causando sofrimento e sérios danos à saúde física e mental de ambos os parceiros (Borges & Dell'Aglio, 2020, Oliveira et al., 2021).

A violência no namoro tem sido evidenciada com mais frequência nos relacionamentos que envolvem pessoas jovens do que casais adultos (García-Carpintero et al., 2018). Nesse contexto, homens e mulheres podem ser, simultaneamente, vítimas e perpetradores de variadas formas de agressão, embora existam diferenças quanto à natureza da agressão e as consequências sofridas por ambos os sexos (Minayo et al., 2011).

Isto posto, a realização do presente estudo justifica-se pela importância de estudar variáveis que possam funcionar como um fator protetivo tanto para os agressores quanto para as vítimas de violência no namoro, a fim de contribuir para uma melhor compreensão da temática e subsidiar o desenvolvimento de medidas protetivas, que estimulem o respeito, o companheirismo e a comunicação empática. Esse estudo foi direcionado aos jovens, sobretudo por eles apresentarem mais dificuldades para identificar alguns comportamentos abusivos em seus relacionamentos amorosos, como, por exemplo, condutas que caracterizam a violência psicológica. Na maioria das vezes, limitam-se a identificar, como violência, apenas as agressões físicas (García-Carpintero et al. 2018; Minayo et al., 2011; Nascimento et al., 2018). Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral conhecer em que medida as práticas educativas parentais explicam a violência no namoro de adolescentes, controlando os efeitos das variáveis idade e sexo.

PRÁTICAS PARENTAIS

Uma das maiores preocupações das figuras parentais ou responsáveis que ocupam esta função, bem como de profissionais da educação, tem sido a forma como os filhos são educados e socializados. Sabe-se que, embora outros agentes de socialização, tais como irmãos, amigos, professores, exerçam influência significativa no desenvolvimento das crianças, as figuras parentais continuam sendo a maior e mais importante referência para os filhos, exercendo forte influência no desenvolvimento psicossocial e acadêmico destes (Horn et al., 2020; Martins et al., 2014).

A relação das figuras parentais com os filhos tem sido estudada por meio das práticas educativas parentais, as quais envolvem uma diversidade de estratégias, como comunicação, interação, participação, afetividade, supervisão,

controle e punição, utilizadas para orientar os filhos na tomada de decisão no decorrer da vida (Kobarg et al., 2010; Martinelli et al., 2017).

Cabe ressaltar que alguns estudos (Böing & Crepaldi, 2016; Martins et al., 2016; Mendes & Dias, 2018; Granja & Mota, 2018) abordam as práticas educativas parentais a partir dos estilos parentais, que se referem a um conjunto de atitudes e comportamentos que criam um clima emocional na relação dos pais ou substitutos com os filhos (Darling & Steinberg, 1993). No entanto, Martins et al. (2014) deixam evidente a diferença entre esses dois termos, destacando que os estilos parentais são expressos em relação à criança em uma variedade de contextos, enquanto as práticas parentais são comportamentos dirigidos à criança frente a uma situação específica. Desta forma, um conjunto de práticas parentais, juntamente com outros aspectos (tais como, tom de voz, cuidado e afetividade) irão constituir um estilo parental (Darling & Steinberg, 1993).

Geralmente, a literatura aponta dois tipos de práticas educativas parentais: as indutivas e as coercitivas. As práticas parentais indutivas são aquelas que possibilitam a criança compreender as consequências das suas ações (Martinelli & Matsuoka, 2018). Conhecida também como práticas parentais positivas, elas envolvem o diálogo, a afetividade, as estratégias construtivas de resolução de conflito, bem como um maior envolvimento e atenção dos pais com os filhos (Gulliford et al., 2015). As práticas coercitivas, identificadas como práticas parentais negativas, estão associadas à punição, incluindo castigos físicos, ameaças e negligência (Sarmiento & D’Affonseca, 2022).

As práticas parentais estão associadas a diversos aspectos relativos ao desenvolvimento psicológico, social e acadêmico de crianças e adolescentes (Horn et al., 2020; Nascimento & Fernandes, 2017; Nunes, Faraco, Vieira, Lisboa, & Rubin, 2015; Weber, Dias, Gomes, & Pasqualotto, 2018). Um estudo realizado por Horn et al. (2020), por exemplo, verificou que quanto maior o rendimento escolar dos adolescentes mais se evidenciava práticas parentais positivas, sobretudo das mães. De modo semelhante, Nascimento e Fernandes (2017) encontraram que o uso de práticas parentais positivas, tais como, auxílio nas tarefas escolares, incentivo e acompanhamento emocional dos filhos, contribuíram para um maior rendimento escolar dos filhos.

Weber et al. (2018) constataram uma relação entre as práticas educativas parentais positivas, percebidas pelos adolescentes, com a autoestima, o otimismo e a resiliência. Tal resultado indicou que quando havia comunicação, envolvimento e participação dos pais na vida dos filhos, esses se autoavaliaram de forma positiva, percebiam o mundo com mais otimismo, apresentaram uma autoestima elevada e uma melhor capacidade de enfrentamento nas adversidades da vida.

De modo contrário, Weber (2017) também evidenciou que as práticas parentais negativas, caracterizadas pela ausência de imposição de regras e limites no contexto familiar, falta de orientação e supervisão do comportamento dos filhos por parte dos pais, estavam relacionadas a sinais de depressão, uso de drogas e comportamentos antissociais. Nesta mesma direção, Martins (2016) aponta uma relação entre as práticas parentais e os comportamentos agressivos e de *bullying* em adolescentes, indicando que aqueles que perceberam as práticas negativas dos pais, tais como, superproteção ou rejeição, demonstraram-se mais agressivos e mais suscetíveis a praticarem *bullying*.

Outrossim, Bolsoni-Silva e Loureiro (2019) evidenciaram que filhos de mães que utilizam práticas parentais negativas eram os que apresentavam menos habilidades sociais e mais queixas de problemas de comportamentos. Desta forma, entende-se que as práticas parentais positivas podem ser consideradas um fator de proteção à manifestação de comportamentos agressivos dos adolescentes contra o parceiro durante o namoro (Leadbeater et al., 2008).

VIOLÊNCIA NO NAMORO

A violência no namoro caracteriza-se por atitudes que visam controlar ou dominar o parceiro, através de agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais (Nascimento et al., 2018). Segundo Rubio-Garay, Carrasco, Amor e López-González (2015). É constituído a partir de três elementos principais: (1) ameaças ou provocações, intencionais, de cunho físico, psicológico ou sexual; (2) controle ou domínio de um dos parceiros; e (3) ameaças, coerção controle e dominação que ocorrem durante o namoro.

Sendo assim, a violência no namoro pode se manifestar de diversas formas, dentre as quais destacam-se as violências física, sexual e a psicológica. A violência física envolve atos como chutar, puxar o cabelo, beliscar, empurrar e dar tapas; a sexual está relacionada a atos de natureza sexual sem consentimento, tais como, forçar o parceiro a ter relações sexuais (Borges & Dell’Aglia, 2020); e a violência psicológica está associada a comportamentos controladores, de ameaças e de perseguição (García-Carpintero et al. 2018).

Quando se trata de violência é importante diferenciar dois agentes principais: (1) o agressor, indivíduo que domina, agride e desrespeita o outro; e a (2) vítima, que sofre repetidamente agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais, sendo refém das decisões do parceiro (Kimberg, 2008). Destaca-se que o sexo dos indivíduos tem se revelado como um fator importante nessa distinção, visto que estudos têm questionado se homens e mulheres são igualmente violentos. Por um lado, tem-se que as mulheres são frequentemente mais vítimas de violência nas relações amorosas quando comparadas aos homens, sobretudo quando se trata de abuso físico (Beserra et al., 2016; Cruz, Espíndula, & Trindade, 2017; Martins, 2017). Por outro, estudos (Costa et al., 2018;

Benavides, 2016; Oliveira et al., 2014) apontam que as mulheres são tão ou mais violentas do que os homens, especialmente nas violências verbal e psicológica.

Alguns autores apontam para a bidirecionalidade da violência em um relacionamento; isto significa que tanto o homem quanto a mulher podem ser vítimas e agressores na mesma situação, mas em momentos distintos. Por exemplo, se, em uma discussão, um deles grita com o parceiro, o outro pode elevar a voz e gritar ainda mais alto; se um bate, o outro pode revidar (Rubio-Garay et al., 2015; Minayo et al., 2011). Todavia, o debate sobre esse assunto é controverso, o que requer mais estudos sobre a temática, sobretudo, com relação às questões de gênero, uma vez que já se observa que a violência de gênero está associada às relações de poder, que legitimam a desigualdade e dominação masculina (Amarijo et al, 2020).

Quanto à frequência de ocorrência da violência nos relacionamentos de namoro, verifica-se que ela acontece três vezes mais em casais constituídos por pessoas jovens do que em casais com adultos e idosos (García-Carpintero et al., 2018). Ademais, estudos têm demonstrado que, nos relacionamentos de namoro constituídos por pessoas jovens, na medida que aumenta a idade dos parceiros e o tempo de namoro, as agressões passam a ser mais constantes e com maior número de comportamentos violentos (Beserra et al., 2016; Costa et al., 2018).

A violência no namoro é um fenômeno multicausal, que pode ser gerado a partir de diversos fatores, sejam eles, pessoais (e.g., idade, sexo, gênero, orientação sexual, autoestima baixa), familiares (e.g., violência intrafamiliar) e sociais (e.g., residir em locais violentos) (Minayo et al., 2011; Murta et al., 2013). Contudo, analisando o cenário da violência por uma perspectiva interseccional, que analisam como os elementos sociais e culturais se relacionam, pode-se perceber, por exemplo, que em uma relação amorosa o fato de o parceiro ser do gênero feminino, por se só, já a coloca em uma desvantagem social, sobretudo se essa estiver inserida em uma sociedade patriarcal; e, se além de ser mulher, ela for negra, há uma intensificação de sua vulnerabilidade e, se ainda viveu em uma família cujos cuidadores foram violentos, seu grau de vulnerabilidade torna-se ainda maior, tornando-a suscetível à violência em um relacionamento amoroso (Barbosa et al, 2021).

Diante do exposto, ressalta-se a importância de se estudar a violência no namoro e o ambiente familiar, como um dos importantes fatores que podem influenciar no desenvolvimento de comportamentos violentos no namoro de adolescentes. Borges e Dell'Aglio (2020) verificaram que adolescentes que sofreram abuso infantil, negligência e violência na família apresentaram uma maior perpetração de comportamentos violentos em seus relacionamentos de namoro. De modo semelhante, Faias et al. (2017) evidenciaram que os jovens que presenciaram ou foram

vítimas de violência no ambiente familiar admitiram apresentar comportamentos violentos nas suas relações amorosas.

Em um estudo envolvendo dez capitais do Brasil, os jovens que mais sofreram violência física de seus pais e presenciaram agressões entre eles manifestaram comportamentos de violências física, sexual e de ameaça no namoro (Minayo et al., 2011). As autoras também apontam relação entre a agressão verbal dos pais e o fato de ser vítima de violência no namoro, evidenciando que jovens que sofrem agressões verbais na família têm maiores chances de serem vítimas de violência verbal nos seus relacionamentos amorosos.

Tais resultados reforçam a ideia de que pessoas que crescem em um contexto social ou familiar violento têm risco aumentado para maltratar ou serem maltratadas em suas relações futuras. Partindo dessa perspectiva buscou-se, de modo geral, conhecer em que medida as práticas educativas parentais explicam a violência no namoro de adolescentes, considerando os efeitos da idade e do sexo.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Contou-se com 250 adolescentes provenientes de escolas públicas (50,4%) e privadas (49,6%), os quais atualmente estavam namorando (37,2%) ou já tiveram um relacionamento sério (62,8%). A média de idade foi de 15,80 anos ($DP = 1,36$, amplitude 13 a 18 anos), sendo a maioria do sexo feminino (51,8%), católica (38,2%) e residente com os familiares (97,2%).

INSTRUMENTOS

Os participantes foram solicitados a responder aos seguintes instrumentos:

Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU). Elaborado por Perris et al. (1980), trata-se de um instrumento utilizado para avaliar as lembranças de práticas de criação na infância e adolescência. No presente estudo utilizou-se a versão reduzida e validada para o Brasil por Kobarg et al. (2010), sendo composta por 21 itens, que abrange três fatores (suporte ou calor emocional, superproteção e rejeição), e respondidos em uma escala tipo *Likert* de quatro pontos (1= não, nunca a 4= sim, a maior parte do tempo). O instrumento apresenta um alfa de *Cronbach* satisfatório ($\alpha = 0,75$).

Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro (CADRI). Elaborado por Wolfe et al. (2001), avalia os relacionamentos atuais ou os últimos existentes, buscando identificar a presença de violência no namoro. Utilizou-se a versão adaptada para o contexto brasileiro por Minayo et al. (2011), sendo composta por 70 itens, dos quais 25 estão

relacionados à violência perpetrada, 25 referem-se à violência sofrida e 20 são itens que distraem os respondentes acerca do tema. Os itens de ambas as subescalas de violência sofrida e violência perpetrada são distribuídos em cinco fatores (violência física, ameaças, violência sexual, violência relacional e violência verbal/emocional), sendo respondidos em uma escala tipo *Likert* de quatro pontos (1= Nunca a 4= Muitas vezes). Os alfas de *Cronbach* variaram de 0,50 (violência sexual perpetrada) a 0,84 (violência verbal/emocional perpetrada), indicadores considerados satisfatórios. Nesse âmbito, ressalta-se que Pasquali (2016) sugere que valores de alfa de *Cronbach* entre 0,50 a 0,70 podem ser admitidos para fins de pesquisa.

Questionário sociodemográfico. Elaborado pelos autores, teve por objetivo caracterizar os participantes do estudo. O instrumento era constituído por perguntas de caráter sociodemográfico (e.g. idade, sexo, escola, status do relacionamento, religião, com quem mora).

PROCEDIMENTO

Inicialmente foram contactadas instituições de ensino públicas e privadas, com a finalidade de explicar os objetivos do estudo e solicitar permissão para aplicar os questionários, bem como, encaminhar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais ou responsáveis dos estudantes. Posteriormente, com as devidas autorizações, realizou-se a coleta de dados, a qual se deu em ambiente coletivo de sala de aula, porém respondido de forma individual por cada participante.

No momento da aplicação dos questionários foi informado aos adolescentes o caráter voluntário da participação, garantido o anonimato e o sigilo das respostas, além de solicitar a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos adolescentes. Cada participante levou, em média, cerca de 10 minutos para responder ao questionário. Destaca-se que o presente estudo obedeceu a todas as diretrizes que regem as pesquisas com seres humanos, conforme as Resoluções nº 410/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do setor da saúde da Universidade Federal da Paraíba (CAAE: 12555319.7.0000.5188; Parecer 3.348.758).

ANÁLISE DOS DADOS

Com o SPSS versão 21 foram realizadas análises descritivas (média, frequência e desvio padrão), correlação de *Pearson* (*r*) e análise de regressão múltipla hierárquica, em que se considerou como variável critério os fatores da violência no namoro (perpetrada e sofrida) que apresentaram correlação significativa e, como variáveis explicativas, as variáveis demográficas (idade e sexo), que foram inseridas no primeiro passo, e os fatores das práticas parentais, no

segundo passo. Além disso, foi realizada a análise do *odds ratio* ajustado para investigar a associação entre as variáveis.

RESULTADOS

Primeiramente, com o intuito de conhecer como as práticas parentais se relacionam com a violência no namoro entre adolescentes, realizou-se uma correlação de *Pearson*. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1. Correlação entre as práticas educativas parentais e a violência no namoro de adolescentes

Violência no namoro	Práticas educativas parentais		
	Suporte emocional	Superproteção	Rejeição
Subescala de violência sofrida			
Violência verbal/emocional	-0,04	0,19**	0,28**
Violência física	-0,08	0,15*	0,19**
Ameaças	0,05	0,18**	0,21**
Violência sexual	-0,05	0,11	0,07
Violência relacional	-0,08	0,03	0,11
Subescala de violência perpetrada			
Violência verbal/emocional	-0,03	0,13*	0,20**
Violência física	-0,05	0,08	0,13*
Ameaças	0,03	0,13*	0,14*
Violência sexual	-0,01	0,09	0,08
Violência relacional	-0,04	0,09	0,20**

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Conforme a Tabela 1, verifica-se que as práticas educativas parentais de superproteção se correlacionaram de forma positiva e significativa com os seguintes fatores da subescala de violência sofrida no namoro: violência verbal/emocional ($r=0,19$; $p<0,01$), violência física ($r=0,15$; $p<0,05$) e ameaças ($r=0,18$; $p<0,01$). De modo semelhante, as práticas educativas parentais de rejeição apresentaram correlação positiva e significativa com os fatores de violência verbal/emocional ($r=0,28$; $p<0,01$), física ($r=0,19$; $p<0,01$) e ameaças ($r=0,21$; $p<0,01$).

Ademais, pode-se também notar que as práticas educativas parentais de superproteção se correlacionaram de

forma positiva e significativa com os seguintes fatores da subescala de violência perpetrada no namoro: violência verbal/emocional ($r=0,13$; $p<0,05$) e ameaças ($r=0,13$; $p<0,05$). Por fim, evidenciou-se que as práticas parentais de rejeição se correlacionaram de forma positiva e significativa com a violência verbal/emocional ($r=0,20$; $p<0,01$), violência física ($r=0,13$; $p<0,05$), ameaças ($r=0,14$; $p<0,05$) e violência relacional ($r=0,20$; $p<0,01$).

Diante disso, pode-se afirmar que os construtos abordados (práticas educativas parentais e a violência perpetrada no namoro) possuem relação entre si, pois, quanto mais os adolescentes perceberam as práticas de superproteção e/ou rejeição adotadas pelos pais no processo educativo maiores foram as pontuações nas violências física, emocional, relacional e ameaças. Destaca-se, sobretudo, a relação do fator rejeição que apresentou correlações mais intensas com as violências emocional e ameaças sofridas, bem como violências emocional e relacional perpetradas. No entanto, considerou-se todas as correlações significativas na análise de regressão, embora tenham apresentado magnitude fraca (variando de $r=0,13$ a $r=0,28$, $p<0,05$), do ponto de vista estatístico. Entretanto, deve-se salientar que as relações não podem ser analisadas apenas pelo viés estatístico, mas dentro do contexto da pesquisa psicossocial (Field, 2020). Nesse âmbito, deve-se ter em conta que encontrar relações médias ($\geq 0,30$), configura-se como uma exceção, não como uma regra, devido à natureza dos construtos que, na Psicologia, tendem a ser complexa e variável (Gouveia et al., 2009; Hemphill, 2003).

Assim, visando complementar as análises acerca da associação entre as variáveis em questão, buscou-se verificar em que medida as práticas educativas parentais explicavam a violência no namoro, controlando os efeitos das variáveis idade e sexo (1= Masculino; 2= Feminino). Os resultados são descritos separadamente, considerando os tipos de violências sofrida e a perpetrada, sendo detalhados na Tabela 2. De acordo com a Tabela 2, consta-se que no primeiro passo da análise de regressão as variáveis demográficas (idade e sexo) explicaram as violências emocional e física no namoro.

No segundo passo com a inclusão dos fatores das práticas educativas parentais observa-se uma elevação na explicação da violência sofrida no namoro, particularmente a violência emocional passou a explicar 15% [$R = 0,39$; R^2 Ajustado = 0,14; $F(4, 238) = 10,708$; $p < 0,001$] e a violência física 8% [$R = 0,28$; R^2 Ajustado = 0,06; $F(4, 243) = 5,216$, $p < 0,001$] da variância total desse construto. Percebe-se que, quando controlado o efeito das variáveis demográficas, unicamente o fator *rejeição*, das práticas educativas parentais, contribuiu significativamente de forma positiva para a explicação da violência verbal/emocional ($\beta = 0,23$, $t = 3,04$, $p < 0,05$) e ameaças ($\beta = 0,16$, $t = 2,03$, $p > 0,05$) sofridas no namoro. Isto sugere que, adolescentes que vivenciaram

práticas parentais de rejeição estão 17% mais propensos a se tornarem vítimas de violência verbal/emocional [OR = 1,17, IC 95% (1,05, 1,30)], e 12% de ameaças em seus relacionamentos de namoro [OR = 1,12, IC 95% (1,00, 1,25)]. Por fim, cabe destacar que, como a violência relacional, na subescala de violência sofrida, não apresentou correlação com as práticas educativas parentais (ver Tabela 1), ela não foi considerada na análise de regressão linear múltipla hierárquica e, portanto, está ausente na Tabela 2.

Com relação à violência perpetrada no namoro, verificou-se que o sexo e a idade foram preditores de maneira significativa da violência verbal/emocional [3% $R = 0,16$, R^2 Ajustado = 0,02; $F(2, 240) = 3,220$; $p < 0,05$] e da violência física [4% $R = 0,21$; R^2 Ajustado = 0,03; $F(2, 243) = 5,335$, $p < 0,05$]. Considerando cada variável separadamente, a idade explicou de forma positiva apenas a violência verbal/emocional ($\beta = 0,16$, $t = 2,436$, $p < 0,05$), demonstrando que quanto maior a idade, maior a perpetração de comportamentos violentos no namoro do tipo verbal/emocional [OR = 1,06, IC 95% (1,01, 1,11)]. Já a variável sexo explicou negativamente a violência física ($\beta = -0,21$, $t = -3,26$, $p < 0,001$), o que indica que os homens praticam mais violência física em seus namoros, em comparação às mulheres [OR = 0,79, IC 95% (0,68, 0,91)].

No passo 2, a inclusão dos fatores das práticas educativas parentais contribuiu para o aumento da explicação da violência perpetrada no namoro de adolescentes, de modo específico a violência verbal/emocional passou a explicar 7% [$R = 0,26$; R^2 Ajustado = 0,05; $F(4, 238) = 4,172$; $p < 0,05$] e a violência física também 7% [$R = 0,26$; R^2 Ajustado = 0,05; $F(4, 241) = 4,507$; $p < 0,001$] da variância total desse construto. Observa-se ainda que, quando controlado o efeito da idade e do sexo, o fator *rejeição* das práticas parentais contribuiu de maneira significativa e positiva para a explicação da violência verbal/emocional ($\beta = 0,19$, $t = 2,42$, $p < 0,05$), física ($\beta = 0,15$, $t = 1,92$, $p < 0,05$) e relacional ($\beta = 0,21$; $t = 3,33$; $p < 0,001$). Isto é, os adolescentes que apontaram vivenciar práticas de rejeição por parte dos pais foram aqueles que afirmaram perpetrar, com maior frequência, comportamentos de violências verbal [OR = 1,16, IC 95% (1,02, 1,31)], física [OR = 1,13, IC 95% (0,99, 1,29)] e relacional em seus relacionamentos de namoro [OR = 1,20, IC 95% (1,06, 1,36)].

DISCUSSÃO

Considerando os pais ou cuidadores como personagens importantes para o desenvolvimento psicoemocional das crianças e adolescentes, especialmente pela prática adotada na educação dos filhos e seus impactos na relação amorosa desses, fez com que este estudo fosse elaborado, tendo, como principal objetivo conhecer em que medida as práticas educativas parentais explicam a violência no namoro de adolescentes, controlando os efeitos das variáveis idade e

Tabela 2. Análise de regressão hierárquica dos preditores dos fatores da violência no namoro

Variáveis demográficas e práticas educativas parentais	Fatores de violência no namoro							
	Emocional		Física		Ameaças		Relacional	
	Sofrida	Perpetrada	Sofrida	Perpetrada	Sofrida	Perpetrada	Sofrida	Perpetrada
1º Passo	β	β	β	β	β	β	β	β
Idade	0,20*	0,16*	0,01	-0,03	0,09	0,06	0,08	0,20*
Sexo ^a	0,26**	0,06	0,23**	-0,21**	0,05	-0,08	0,04	0,26**
R^2	0,10**	0,03*	0,05*	0,04*	0,01	0,01	0,01	0,10**
2º Passo	β	β	β	β	β	β	β	β
Idade	0,19**	0,15*	0,04	-0,04	0,08	0,05	0,07	0,19**
Sexo ^a	0,22**	0,03	0,21**	-0,23**	0,02	-0,11	-0,07	0,22**
Superproteção	0,03	0,02	0,05	--	0,09	0,08	--	0,03
Rejeição	0,23*	0,19*	0,13	0,15*	0,16*	0,11	0,21**	0,23*
R^2	0,15**	0,07**	0,08**	0,07**	0,06*	0,04*	0,05**	0,15**
ΔR^2	0,05	0,05	0,03	0,06	0,04	0,02	0,04	0,05

Nota: ** $p < 0,001$; * $p < 0,05$; ^aFeminino = 0; Masculino = 1.

sexo. Tendo em vista os resultados reportados, confia-se que o objetivo foi alcançado.

Em resumo, os dados evidenciados no presente estudo levam a interpretação de que as práticas parentais de rejeição vivenciadas pelos adolescentes em seu contexto familiar são capazes de explicar a violência no namoro destes. Inicialmente, controlando os efeitos das variáveis demográficas, através de uma análise de regressão hierárquica, verificou-se que, idade e sexo contribuem significativamente para explicação da violência sofrida e da perpetração de comportamentos violentos no namoro dos adolescentes.

Especificamente, constatou-se que na medida em que os jovens avançam na idade aumenta o envolvimento em situações de violência no namoro, sobretudo de violência verbal/emocional, tanto na posição de vítima quanto de agressor. Entretanto, em tais situações, as mulheres aparecem como sendo as principais vítimas de violência verbal/emocional e física, enquanto os homens tendem a ser os agressores, principalmente de violência física. A propósito, esse tipo específico de violência (inclui agressões verbais/emocionais, ameaças, humilhações, perseguições) tem sido o mais frequente nas relações de namoro entre adolescentes (Beserra et al., 2016; Costa et al., 2018; Minayo et al., 2011; Oliveira et al., 2021).

Ainda, reforçando os resultados aqui encontrados, as mulheres têm sido frequentemente apontadas na literatura como vítimas (Beserra et al., 2016, Cruz et al., 2017; Martins, 2017), sobretudo de comportamentos controladores (e.g. gritar, ameaçar, controlar ou impedir o contato com outras pessoas) e de violência física (dar um tapa, empurrar, puxar o cabelo). Enquanto os homens têm sido considerados como os maiores perpetradores, especialmente de violência física, uma vez que costumam expressar sua raiva ou agressividade através da força física (Cruz et al., 2017; Oliveira et al., 2021).

No segundo momento, considerando a influência do sexo e idade, evidenciou-se também que as práticas educativas parentais explicam à violência no namoro dos adolescentes. Particularmente, aqueles que reconheceram que seus pais adotavam práticas educativas de rejeição apontaram ser vítimas de violências verbal/emocional e de ameaças em seus relacionamentos de namoro.

Práticas parentais de rejeição envolvem comportamentos que visam modificar a vontade dos filhos, através de punições, críticas destrutivas e pouca afetividade por parte dos pais ou cuidadores (Kobarg et al., 2010). Nesse sentido, filhos que foram criados em um contexto de rejeição tendem a aceitar comportamentos semelhantes em seus relacionamentos de namoro, por ter esse modelo de relacionamento afetivo como referência (Reis, Prata, & Parra, 2018). Sendo assim, os gritos, humilhações, críticas e ameaças com o intuito de controlar ou interferir nas vontades do parceiro(a) podem ser facilmente aceitos na relação de

namoro, fazendo com que esses jovens sejam frequentemente vítimas de violências verbal, emocional e ameaças. Para além disso, destaca-se o fato de que os jovens que são rejeitados pelos pais podem apresentar uma maior dependência emocional em seus relacionamentos amorosos, o que contribui para a aceitação ou banalização dos comportamentos violentos por parte do parceiro (Granja & Mota, 2018).

Também foi possível evidenciar que as práticas de rejeição podem levar os jovens a praticarem diversos tipos de comportamentos violentos no namoro, tais como, violências física, verbal/emocional e relacional. Como citado anteriormente, indivíduos que convivem em um contexto de rejeição lidam diariamente com punições, castigos físicos, críticas destrutivas, humilhações (Kobarg et al., 2010), o que pode levá-los a reproduzir tais comportamentos, sobretudo com seus parceiros amorosos, uma vez que aprendem que a violência é uma estratégia de resolução de conflito a ser utilizada nas mais diversas situações (Reis et al., 2018).

Há também o fato de que crianças negligenciadas ou rejeitadas pelos pais, na maioria das vezes, apresentam diversos prejuízos em seu desenvolvimento, tais como, ausência de limites, de afeto, problemas comportamentais, sentimento de culpa e baixa autoestima (Fonseca & Ferreira, 2019). Na adolescência, fase de formação de identidade e de questionamentos, o adolescente pode tentar buscar formas de reagir ao sofrimento causado pela rejeição, seja através do uso de álcool e das drogas, da agressividade e de comportamentos violentos contra o parceiro amoroso (Gomide, 2017).

Portanto, percebe-se que as práticas educativas parentais podem influenciar os futuros relacionamentos dos filhos. Como constatado no presente estudo, comportamentos de rejeição por parte dos pais, considerados na literatura como práticas educativas negativas (Gomide, 2006; Gulliford et al., 2015; Sarmiento & D’Affonseca, 2022), podem levar os jovens a se envolver em situações de violência no namoro, tanto na posição de vítima quanto na de agressor. Isto porque eles se tornam reprodutores dos comportamentos aprendidos no contexto familiar e levam tais aprendizagens para outros contextos, a exemplo das relações amorosas (Borges & Dell’Aglio, 2020; Minayo et al., 2011; Reis et al., 2018). Na maioria dos casos, os adolescentes naturalizam certos comportamentos violentos (e.g., gritos, ameaças, controle de amizades), passando a aceitar esse tipo de prática como uma forma positiva de resolução de conflitos, sobretudo, por ter essa referência no ambiente familiar.

Nesse sentido, é essencial empregar práticas parentais positivas na educação dos filhos, proporcionando uma relação sadia, fundamentada na comunicação, expressão de afeto, atenção e compressão. Afinal, tais práticas são consideradas como fatores de proteção para o desenvolvimento da criança e do adolescente, promovendo

competência social, autonomia e bem-estar psicológico (Gaspar & Matos, 2016; Weber et al., 2018).

De modo geral, os achados do presente estudo proporcionam uma reflexão acerca da importância de desenvolver estratégias de prevenção à violência nos relacionamentos amorosos na adolescência, principalmente na fase inicial da constituição de uma relação íntima, quando se dá no período de namoro. Isso se torna ainda mais relevante, quando se constata que a medida em que a idade aumenta, crescem as chances dos adolescentes se envolverem em situações de violência nos relacionamentos amorosos. A propósito, conforme o tempo passa, as relações de namoro podem ficar mais sérias, e alguns comportamentos violentos podem ser associados ao ciúme ou como um sinal de amor ou cuidado, fazendo com que o controle da vida do parceiro seja considerado algo normal (Borges et al., 2020; Oliveira et al., 2021). Tudo isso contribui significativamente para o aumento de comportamentos violentos e para o estabelecimento de relações abusivas.

Além disso, embora o sexo feminino esteja mais vulnerável a ser vítima de comportamentos violentos, é importante que as intervenções sejam voltadas para ambos os sexos, considerando, que em muitas situações, há uma bidirecionalidade da violência, de modo que tantos os homens quanto as mulheres são vítimas e agressores, simultaneamente, em uma relação de namoro (Costa et al., 2018; Minayo et al., 2011; Oliveira et al., 2021). Desse modo, torna-se fundamental capacitar os jovens para identificar e reconhecer comportamentos abusivos nas relações de namoro, visando estimular o respeito, o companheirismo e as relacionamentos saudáveis entre eles.

Ademais, destaca-se a importância das figuras parentais e, sobretudo, da relação desses com os filhos, uma vez que constitui a base referencial para todas as outras relações, além de exercer grande influência no desenvolvimento social, cognitivo e psicológico do indivíduo. Nesse sentido, é fundamental desenvolver ações que visem proporcionar o conhecimento aos pais, estimulando a manutenção de relações saudáveis com os filhos, para que eles também aprendam a adotar modelos positivos em seus futuros relacionamentos, podendo evitar que se envolvam, por exemplo, em relacionamentos amorosos abusivos, seja na posição de vítima ou agressor.

Assim, espera-se que as evidências reportadas possam oferecer contribuições para o trabalho de profissionais como psicólogos, professores, gestores, que lidam com o público jovem, sobretudo na fase de relacionamentos íntimos como o namoro. Espera-se ainda que as informações possam subsidiar projetos desenvolvidos pelos órgãos de proteção da infância e adolescência, como o Conselho Tutelar, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), bem como os demais programas de proteção social, que envolve toda a rede do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Entretanto, embora os resultados tenham sido promissores, a pesquisa aqui descrita apresenta limitações, dentre as quais destaca-se o fato de os instrumentos utilizados serem de autorrelato e, portanto, pode ter havido interferência da desejabilidade social na resposta dos adolescentes, aspecto que não foi verificado no presente estudo. Por exemplo, os adolescentes podem ter omitido vivenciar determinadas situações de violência no namoro, apresentando respostas mais aceitáveis socialmente, sobretudo pelo desconforto e pela resistência em falar acerca do assunto, que, na maioria das vezes, envolvem questões íntimas. Outro aspecto apontado como limitação do estudo diz respeito à amostra reduzida, que abarcou apenas adolescentes, o que impossibilita a generalização dos resultados. Não obstante, tais limitações não invalidam as contribuições trazidas pelo estudo, as quais proporcionam evidências científicas para a temática em questão.

Diante disso, sugere-se o desenvolvimento de estudos com amostras maiores e mais heterogêneas, que possam envolver jovens e adultos, bem como considerar outros relacionamentos amorosos, a exemplo de noivado e casamento, além de relacionamentos homoafetivos. Torna-se necessário, também, a realização de pesquisas que busquem avaliar a violência no namoro através de medidas implícitas, uma vez que essas fornecem respostas mais fidedignas e sofrem menos influência da desejabilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa pesquisa fortalecem a importância do ambiente familiar, sobretudo das figuras parentais ou substitutas, no desenvolvimento das dinâmicas amorosas dos adolescentes, evidenciando a necessidade de apoio às famílias, com o intuito de auxiliá-las a estruturar, organizar e enriquecer o ambiente de desenvolvimento dos filhos. De modo geral, é importante estimular, na educação familiar, o uso de práticas parentais positivas, baseada na afetividade, diálogo e estabelecimento de uma relação saudável, para que assim tais condutas sejam refletidas nos futuros relacionamentos dos filhos, minimizando os riscos desses se envolverem em situações de violência no namoro.

Por fim, é necessário promover o intercâmbio desta temática em escolas ou comunidades, possibilitando a discussão da problemática em reuniões de pais, por exemplo, com a finalidade de subsidiar medidas preventivas e/ou interventivas acerca da violência no namoro. No mais, destaca-se a importância de promover reflexões acerca da intolerância a qualquer forma de violência, seja ela no contexto familiar, escolar ou nos relacionamentos amorosos.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua

responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como segue:

- P. N. Fonseca e J. L. F. Santos contribuíram na administração do projeto, conceitualização e redação final (revisão e edição);
- E. R. Fonseca e T. A. C. Lima foram responsáveis pela investigação (participação na coleta de dados) e preparação do rascunho original;
- P. G. N. Silva contribuiu para a tabulação e análise formal dos dados, bem como a formulação da metodologia.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pelas bolsas de Doutorado, concedidas aos primeiro e quinto autores (Capes); e pela bolsa de produtividade em pesquisa da segunda autora (CNPq - N° do processo 307778/2018-5; edital 09/2018 PQ).

REFERÊNCIAS

- Amarijo, C. L., Figueira, A. B., Ramos, A. M., & Minasi, A. S. A. (2020). Relações de poder nas situações de violência doméstica contra a mulher: tendência dos estudos. *Revista Cuidarte*, 11(2), e1052. <https://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.1052>
- Barbosa, J. P. M., Lima, R. C. D., Santos, G. B. M., & Lanna, S. D. (2021). Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de Covid-19: diálogos e possibilidades. *Revista Saúde e Sociedade*, 30(2), 1-13. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902021200367>
- Benavides, J. (2016). Violencia en el noviazgo: diferencias de género. *Informes Psicológicos*, 16(2), 27-36.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 182-191. <https://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20160024>
- Böing, E., & Crepaldi, M. A. (2016). Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. *Educar em Revista*, 1(59), 17-33. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.44615>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2019). Práticas Parentais: Conjugalidade, Depressão Materna, Comportamento das Crianças e Variáveis Demográficas. *Psico-USF*, 24(1), 69-83. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240106>
- Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(8), 3119-3130. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020258.24992018>
- Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell'Aglio, D. D. (2020). Variáveis pessoais e contextuais predictoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 460-470. <https://dx.doi.org/10.14718/acp.2020.23.2.16>
- Costa, A., Costa, M., & Nascimento, O. (2018). Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. *Revista de Saúde Coletiva da UFEs*, 8(1), 39-45. <https://dx.doi.org/10.13102/rscdauufs.v8i1.2973>
- Cruz, S. T. M., Espíndula, D. H. P., & Trindade, Z. A. (2017). Violência de Gênero e seus Autores: Representações dos Profissionais de Saúde. *Psico-USF*, 22(3), 555-567. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220314>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(1), 487-496. <https://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dumont, J. R. D., Cuadros, M. J. L., Tito, L. P. D., & Cárdenas, J. V. T. (2020). Importancia de la familia: Un análisis de la realidad a partir de datos estadísticos. *Horizonte de la Ciencia*, 10(18), 1-13. <https://dx.doi.org/10.26490/uncp.horizonteciencia.2020.18.40>
- Faias, J., Caridade, S., & Cardoso, J. (2017). Exposição à violência familiar e abuso íntimo em jovens: Que relação? *Psicologica*, 59(1), 7-23. https://dx.doi.org/10.14195/1647-8606_59-1_1
- Field, A. (2020). *Descobrimo a estatística usando o SPSS* (5.ª ed.). Penso.
- Fonseca, H. R. R., & Ferreira, M. D. M. (2019). Negligência parental infantil: revisão do construto. *Revista FSA*, 16(4), 226-244. <http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.4.12>
- García-Carpintero, M. A., Rodríguez-Santero, J., & Porcel-Gálvez, A. M. (2018). Diseño y validación de la escala para la detección de violencia en el noviazgo en jóvenes en la Universidad de Sevilla. *Gaceta Sanitaria*, 32(2), 121-128. <https://dx.doi.org/10.1016/j.gaceta.2017.09.006>
- Gaspar, T., & Matos, M. G. (2016). Escala de Avaliação das Práticas Parentais: Controle e Aceitação. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 1(7), 1-2
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventários de Estilos Parentais (IEP): modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2017). *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. Vozes.
- Gouveia, V.V., Santos, W. S., & Milfont, T. L. (2009). O uso da estatística na avaliação psicológica: Comentários e considerações práticas. In: C. S. Hutz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica: Em homenagem a Jurema Alcides Cunha* (pp. 127-155). Casa do Psicólogo.
- Granja, M. B., & Mota, C. P. (2018). Estilos parentais e vinculação amorosa: efeito mediador do bem-estar psicológico em jovens adultos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(1), 93-109. <https://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5584>
- Gulliford, H., Deans, J., Frydenberg, E., & Liang, R. (2015). Teaching coping skills in the context of positive parenting within a preschool setting. *Australian Psychologist*, 50(3), 219-231. <https://dx.doi.org/10.1111/ap.12121>

- Hemphill, J. F. (2003). Interpreting the magnitudes of correlation coefficients. *American Psychologist*, 58(1), 78-79. <https://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.58.1.78>
- Horn, A. M., Silva, K. A., & Patias, N. P. (2020). Estilos e Práticas Educativas Parentais e Desempenho Escolar em Adolescentes de Ensino Médio. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 168-186. <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.50795>
- Kimberg, L. S. (2008). Addressing Intimate Partner Violence with Male Patients: A Review and Introduction of Pilot Guidelines. *Journal of General Internal Medicine*, 23(12), 2071-2078. <https://dx.doi.org/10.1007/s11606-008-0755-1>
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V., & Vieira, M. L. (2010). Validação da Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU). *Avaliação Psicológica*, 9(1), 77-85, 2010.
- Leadbeater, B. J., Banister, E. M., Ellis, W. E., & Yeung, R. (2008). Victimization and relational aggression in adolescent romantic relationships: the influence of parental and peer behaviors, and individual adjustment. *Journal Youth Adolescence*, 37(3), 359-372. <https://dx.doi.org/10.1007/s10964-007-9269-0>
- Martinelli, S. C., & Matsuoka, E. C. A. (2018). Um estudo sobre práticas e crenças parentais e o desempenho em escrita de crianças. *Educar em revista*, 34(69), 261-276. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.54291>
- Martinelli, S. C., Matsuoka, E. C. A., & Fernandes, D. C. (2017). Estudo Fatorial de um Inventário de Práticas e Crenças Parentais. *Psico-USF*, 22(2), 249-260. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220205>
- Martins, A. P. A. (2017). Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Revista Gênero*, 17(2), 9-28. <https://dx.doi.org/10.22409/rg.v17i2.939>
- Martins, G. L. L., Leon, C. B. R., & Seabra, A. G. (2016). Estilos parentais e desenvolvimento das funções executivas: estudo com crianças de 3 a 6 anos. *Psico (Porto Alegre)*, 47(3), 216-227. <https://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.3.22480>
- Martins, M. C. (2016). *Percepção de adolescentes acerca da qualidade da relação com os pais e dos seus comportamentos de agressividade na escola*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. <https://hdl.handle.net/10316/35433>
- Martins, R. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfro, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2014). Práticas parentais: associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78), 89-100. <https://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.32.078.A004>
- Mendes, L. S., & Dias, M. L. V. (2018). Relationship between parental educational styles, interpersonal confidence and bondage in adolescence. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(1), 136-143. <https://dx.doi.org/10.15309/18psd190120>
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. FIOCRUZ. <https://dx.doi.org/10.7476/9788575413852>
- Murta, S. G., Moore, R. A., Miranda, A. A. V., Cangussú, E. D. A., Santos, K. B., Bezerra, K. L. T., & Veras, L. G. (2016). Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. *Psico-USF*, 21(2), 381-393. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-82712016210214>
- Nascimento, G. O., & Fernandes, F. S. (2017). As práticas parentais positivas e negativas como fatores colaborativos no rendimento escolar. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 1(5), 1-6. <https://dx.doi.org/10.17979/reipe.2017.0.05.2762>
- Nascimento, O. C., Costa, M. C. O., Costa, A. M., & Cunha, B. S. G. (2018). Violência no percurso amoroso e saúde mental de adolescentes – jovens: Revisão integrativa. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*, 8(1), 30-38. <https://dx.doi.org/10.13102/rscdauefs.v8i1.3505>
- Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Vieira, M. L., Lisboa, C. S. M., & Rubin, K. H. (2015). Relação entre Práticas Parentais e Problemas de Externalização e Internalização: Papel Mediador do Vínculo do Apego. *Interação em Psicologia*, 19(3), 371-383. <https://dx.doi.org/10.5380/psi.v19i3.32371>
- Oliveira, A. P. F., Silva, S. M. C., Campeiz, A. B., Oliveira, W. A., Silva, M. A. I., & Carlos, D. M. (2021). Violência nas relações íntimas entre adolescentes de região de alta vulnerabilidade social. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20(1), 1-10. <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.5353.3499>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciências e Saúde Coletiva*, 19(3): 707-718. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Orti, N. P., & Bolsoni-Silva, A. T. (2017). Problemas internalizantes: revisão de intervenções sobre as práticas parentais. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 19(2), 138-159. <https://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v19i2.1037>
- Pasquali, L. (2016). *TEP - Técnicas de Exame Psicológico: os fundamentos*. (2.ª ed). Vetor.
- Perris, C., Jacobson, L., Lindstorm, H., Knorrning, L. V., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61(1), 265-274. <https://dx.doi.org/10.1111/j.1600-0447.1980.tb00581.x>
- Reis, D. M., Prata, L. C. G., & Parra, C. R. (2018). O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil. *Psicologia.PT*, 1(1), 1-20.
- Rubio-Garay, F., Carrasco, M. Á., Amor, P. J., & López-González, M. A. (2015). Factores asociados a la violencia en el noviazgo entre adolescentes: una revisión crítica. *Anuario de Psicología Jurídica*, 25(1), 47-56. <https://dx.doi.org/10.1016/j.apj.2015.01.001>
- Salvador, A. P. V., & Weber, L. N. D. (2005). Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 9(2), 341-353. <https://dx.doi.org/10.5380/psi.v9i2.4782>

- Sarmiento, R. S., & D'Affonseca, S. M. (2022). Opinião dos pais sobre práticas educativas parentais. *Psicologia e Argumento*, 40(108), 1497-1516. <https://dx.doi.org/10.7213/psicolargum40.108.A008>
- Weber, L. N. D. (2017). Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e uso de substâncias por adolescentes. *Revista INFAD de Psicología, International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 157-168. <https://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.928>
- Weber, L. N. D., Dias, A. Y. M. S., Gomes, L. C., & Pasqualotto, R. A. (2018). Práticas parentais percebidas, autoestima, otimismo e resiliência em futuros professores. *Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(1), 193-202. <https://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2018.n1.v1.1188>
- Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. (2001). Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological Assessment*, 13(1), 277-293. <https://dx.doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.277>

Recebido em: 06/10/2020

Primeira decisão editorial em: 21/11/2023

Aceito em: 01/04/2024